



GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ISSN 2177-3688

“PORQUE EU SOU É HOMEM”: CATEGORIZAÇÕES DAS NOVAS MASCULINIDADES NO TWITTER

“BECAUSE I AM A MAN”: CATEGORIZATION OF NEW MASCULINITIES ON TWITTER

Nathália Lima Romeiro - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Dirnele Carneiro Garcez – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Franciéle Carneiro Garcês da Silva – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Miriely da Silva Souza - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Priscila Rufino Frevier – Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Quais as novas categorias da masculinidade expostas no Twitter e como podemos analisá-las a partir dos estudos de gênero e folksonomia? Essa é a questão que este trabalho busca resolver, e cujo objetivo é categorizar as novas masculinidades que emergiram na sociedade contemporânea, tendo como base a mídia social Twitter. Para tanto, foram mapeadas as publicações etiquetadas pelas hashtags #redpill, #incel, #alpha, #beta #sigma e #MGTOW e, posteriormente, analisados os discursos das postagens a partir dos mitos da masculinidade de JJ Bola (2021) e colonialidade de gênero de Geni Longhini (2022). Trata-se de uma pesquisa documental de natureza exploratória e descritiva, na qual as publicações foram coletadas via estratégias de busca contendo termos e *hashtags* utilizadas pela comunidade *online* da cultura redpill, a saber: redpill, bluepill, incel, sigma, beta e outros. Os resultados demonstraram que a convergência de mitos sobre a masculinidade, a colonialidade de gênero e comportamentos disfuncionais no modelo cognitivo de Beck revela uma estreita relação entre a violência de gênero e a subjetividade masculina construída pela herança colonial. Exemplos desses métodos são as comunidades socioinformacionais em ambientes digitais que exaltam perfis de masculinidades, como red pills, MGTOW, incels, alphas, betas e sigmas, que revelam novas formas de opressão e manutenção do poder masculino sobre outras identidades de gênero. Esses discursos são embasados em deturpação da verdade e práticas discursivas colonizadoras vinculadas ao racismo, sexismo, LGBTQIA+fobia e ao supremacismo branco.

Palavras-chave: gênero; masculinidade; folksonomia; organização do conhecimento; categorização das novas identidades de masculinidade.

Abstract: What are the new categories of masculinity exposed on Twitter and how can we analyze them from the perspectives of gender studies and folksonomy? This is the question that this work seeks to answer, and its objective is to categorize the new masculinities that have emerged in contemporary society, based on the social media platform Twitter. For this purpose, publications tagged with the hashtags #redpill, #incel, #alpha, #beta, #sigma, and #MGTOW were mapped, and the discourse of the posts was subsequently analyzed based on the myths of masculinity by JJ Bola (2021) and the gender coloniality by Geni Longhini (2022). This is an exploratory and descriptive documentary research, in which publications were collected through search strategies containing terms and hashtags used by the online community of the redpill culture, such as redpill, bluepill, incel, sigma, beta, and others. The results demonstrated that the convergence of myths about masculinity, gender coloniality, and dysfunctional behaviors in Beck's cognitive model reveals a close relationship between

gender-based violence and male subjectivity constructed by colonial heritage. Examples of these methods are socioinformational communities in digital environments that exalt profiles of masculinities, such as red pills, MGTOW, incels, alphas, betas, and sigmas, which reveal new forms of oppression and maintenance of male power over other gender identities. These discourses are based on distortion of truth and colonizing discursive practices linked to racism, sexism, LGBTQIA+ phobia, and white supremacy.

Keywords: gender; masculinity; folksonomy; knowledge organization; new masculinity identities categorization.

1 INTRODUÇÃO

Ao acompanhar noticiários televisivos e diferentes portais de notícia em mídias sociais digitais nos últimos meses, nos deparamos com cenários de violência de gênero que não são exclusivos do nosso tempo, posto que é uma problemática característica dos efeitos de sistemas sociais estruturantes, tais como o patriarcado, a colonização (ser, saber, poder e de gênero) e o neoliberalismo, mas que constantemente se repetem em diferentes localidades (SAFFIOTI, 2004; QUIJANO, 2010; CONNEL, 2016; LUGONES, 2020; BOLA, 2021).

Entre os inúmeros cenários de violência de gênero, percebemos uma atenção específica aos casos de violência contra mulheres¹ (de ordem física, psicológica, sexual, patrimonial, feminicídio), casamento de adultos com adolescentes², casos de racismo em diferentes estratos sociais³, violência contra população LGBTQIAPN+⁴, ataques a escolas impulsionados por movimentos neonazistas⁵, entre outras violências. Situação alarmante, pois quando olhamos o problema mais de perto, percebemos que há como ponto de convergência o fato de a maioria dos algozes pertencerem ao gênero masculino, majoritariamente composto por um perfil específico de homens cisgêneros brancos que também costumam se identificar como heterossexuais (CONNEL, 2016; BOLA, 2021; WITTIG, 2022).

Com base nessa breve explanação, nos propomos a responder a seguinte questão: ***Quais as novas categorias da masculinidade expostas no Twitter e como podemos analisá-las a partir dos estudos de gênero e folksonomia?*** Para isso, este trabalho tem como objetivo

¹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/06/uma-agressao-a-cada-4-horas-um-assassinato-por-dia-a-realidade-da-mulher-no-brasil> Acesso em: 23 jun. 2023.

² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/prefeito-de-municipio-paranaense-se-casa-com-adolescente-de-16-anos/> Acesso em: 23 jun. 2023.

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2k2mk2mz4o> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/paradasp/associacao-pede-a-prisao-do-cantor-bruno-dupla-de-marrone-por-transfobia,1a9ef8c62766b470822801d72ac60893xhg6k1na.html> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁵ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/05/05/ataques-em-escolas-estao-ligados-ao-neonazismo-dizem-especialistas#>; Acesso em: 23 jun. 2023.

categorizar as novas masculinidades que emergiram na sociedade contemporânea, tendo como base a mídia social *Twitter*. Para tanto, foram mapeadas as publicações etiquetadas pelas hashtags #redpill, #incel, #alpha, #beta #sigma e #MGTOW e, posteriormente, analisados os discursos das postagens a partir dos mitos da masculinidade de JJ Bola (2021) e colonialidade de gênero de Geni Longhini (2022).

Esse investimento se deve à necessidade de discutir os comportamentos de tais sujeitos nesse ambiente identificando os discursos e interações etiquetadas pelas hashtags supracitadas. Ademais, este trabalho está vinculado à agenda 2030, sobretudo por se relacionar aos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) número 5 (igualdade de gênero) e número 10 (redução das desigualdades). Além disso, a proposta se vincula essencialmente ao GT 12, posto que discute uma questão de gênero posicionando o homem também como um sujeito generificado. Assim, não só contribuímos com a qualificação desses sujeitos enquanto pertencentes a um gênero, como possibilitamos uma reflexão que visa descolonizar a ideia que hegemoniza os homens cisgênero heterossexuais como norma. Tal norma perpetua uma ideologia de gênero vantajosa na manutenção do privilégio dos homens, conhecida também como dominação masculina (BOURDIEU, 2010, CONNEL, 2016).

Antes de avançarmos na discussão sobre violência de gênero, é necessário negritar que esta investigação não se propõe a afirmar que todos os homens são agressores, tampouco nos interessa impulsionar quaisquer rivalidades ou enviesamento para apontá-los como únicos responsáveis pelas violências noticiadas e postadas. Nosso estudo se propõe a discutir uma problemática ainda pouco explorada no campo informacional com o intuito de ampliar o debate sobre as masculinidades nos estudos de gênero em Ciência da Informação.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza um *corpus* de análise composto por publicações obtidas em maio de 2023, por meio de uma coleta realizada em um perfil anônimo e oculto na rede social *Twitter*, sem seguidores, criado especificamente para este estudo. Trata-se de uma pesquisa documental, uma vez que foram coletadas informações ainda não-tratadas, tornando-as evidências para observação de um fenômeno, quais sejam, as postagens no twitter (KRIPTA; SCHELLER; BONNOTO, 2015). Além disso, essa pesquisa possui natureza exploratória e descritiva, na qual as publicações foram coletadas com base em termos e *hashtags* utilizadas pela comunidade *on-line* da cultura *redpill*. Os termos incluídos nas estratégias de busca são: *redpill*, *bluepill*, *incel*, *sigma*, *beta* e outros. As

estratégias de busca foram elaboradas compilando o uso desses termos, combinados com o operador "OR" e filtrados pelo idioma português, sem uma delimitação temporal específica.

Enquanto estrutura, a base teórica deste trabalho apresenta na primeira seção uma discussão sobre folksonomia e ambientes socioinformacionais com base nos estudos de Souza (2007), Brandt (2009), Santos (2013), Yedid (2013), Massoni e Flores (2017), Romeiro e Silva (2018), Romeiro (2019), entre outras pessoas autoras. A seção três aborda as relações entre colonialidade de gênero e os mitos da masculinidade na construção da subjetividade dos homens com base em autorias como Quijano (2010), Connel (2016), Lugones (2020), Bola (2021), Longhini (2022) entre outras contribuições. Além disso, na terceira seção se faz referência aos comportamentos considerados disfuncionais a partir do modelo cognitivo de Beck (2014) com vistas a apresentar uma via para observação de comportamentos disfuncionais que podem ser efeito de questões emocionais não elaboradas. Por fim, os resultados da pesquisa serão apresentados na seção quatro e estes enfocam na categorização das novas identidades de masculinidades e na interpretação dos discursos de algumas das postagens coletadas.

2 FOLKSONOMIA E AMBIENTES SOCIOINFORMACIONAIS

Compreendemos a Folksonomia, também conhecida como etiquetagem social, como uma forma de categorização colaborativa que evidencia o protagonismo de pessoas usuárias de informação em ambientes digitais. O termo "Folksonomia" surgiu como uma linguagem digital, devido sua apropriação, para designar a indexação colaborativa de objetos informacionais na *Web* e é composto pela junção das palavras "*folk*" (pessoas) e "*taxonomy*" (taxonomia). Essa forma de indexar ou etiquetar se difere das classificações bibliográficas, pois ao invés de representar uma classificação sistemática (hierárquica), a folksonomia utiliza *tags* ou etiquetas (palavras-chave) para representar o conteúdo postado e/ou compartilhado. Portanto, não se trata de um sistema e sim uma categorização a partir da apropriação de assuntos. Através da linguagem folksonômica, é possível localizar o assunto desejado e recuperar a informação etiquetada. Sua utilização está cada vez mais naturalizada na linguagem digital, especialmente em espaços socioinformacionais de compartilhamento de conteúdo como as mídias sociais digitais, um aspecto que o torna um objeto cada vez mais presente em pesquisas das ciências sociais e tecnológicas (BRANDT, 2009; SANTOS, 2013; MASSONI; FLORES, 2017; ROMEIRO, 2019).

Rosali Fernandes de Souza (2007) nos direciona a interpretar a folksonomia como um fenômeno da cultura digital que nos permite a observação e interação de assuntos apropriados de forma rápida, o que seria uma vantagem, dada a velocidade dos fluxos informacionais de assuntos em mídias sociais digitais, por exemplo. Entretanto, a autora destaca que o uso da folksonomia também pode representar uma desvantagem no âmbito da recuperação da informação, pois seu uso torna mais difícil o controle de vocabulários. Desvantagem que não faz sentido se olharmos a temática em uma perspectiva contra-colonial, uma vez que a crítica à colonialidade também oferece uma crítica a instrumentos (dispositivos) normalizadores da linguagem e da cultura (SOUZA, 2007; LONGHINI, 2022).

Em convergência a esse pensamento, Romeiro e Silva (2018) ressaltaram que, quando mediada de forma responsável, a Folksonomia pode contribuir de maneira positiva para a representação e recuperação de conteúdos em ambientes digitais, auxiliando na descrição de objetos informacionais e na construção de outros instrumentos de controle terminológico. Enquanto ferramenta que captura o vocabulário utilizado pela comunidade de usuários, a folksonomia auxilia na investigação das tendências terminológicas adotadas por diferentes sujeitos. Essa análise minuciosa permite selecionar os termos preferidos de determinada comunidade digital, tornando-se uma fonte para identificar interesses comuns entre pessoas que compartilham conteúdos específicos (YEDID, 2013).

Nota-se que em ambientes socioinformacionais digitais pode ocorrer a sobreposição de atores sociais por meio de múltiplos comportamentos, por vezes são amplificados, devido à intensidade emocional que pode estar presente nos fluxos informacionais (MOURA, 2009). Comportamentos estes que podem implicar na construção e reformulação da subjetividade, na sociabilidade e nas práticas informacionais das pessoas (físicas e jurídicas) que interagem nesses ambientes.

Araújo (2013) complementa essa ideia ao explicar que não existem preceitos, regulamentos e estruturas que desconsiderem as relações sociais. Assim, tendo como base o pensamento de Bourdieu (2010), Araújo (2013) explica que o conceito de prática é aplicado para estudar os processos culturais das relações sociais, uma vez que os atores sociais são constituídos de *habitus* que concebem a ação. Nessa direção, as interações que ocorrem nas mídias sociais como o Twitter, são influenciadas pela dinamicidade e interatividade de novas possibilidades com a participação de interagentes digitais na coordenação das ações de produção, organização e disseminação de informações.

Na Ciência da Informação, a apropriação da folksonomia como objeto de pesquisa, sobretudo na convergência entre esse assunto e os estudos de gênero já fazem parte, a algum tempo, do interesse de pesquisa de pesquisadoras e pesquisadores e podem ser exemplificadas nas seguintes comunicações: o artigo “Folksonomia no contexto lgbtqi+: descortinando o preconceito e a discriminação da informação gênero-sexualidade nos ambientes digitais” de Santana, Santos, Melo e Girard (2022); o artigo de Romeiro e Silva (2018) intitulado “A folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no facebook: avaliação da hashtag #mexeucomumamexeucomtodas”; o artigo “Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#PRIMEIROASSEDIO)” de Santini, Terra e Almeida (2016); o artigo “*Participation in Brazilian Feminist Movements on social networks: a study on the campaign Meu Amigo Secreto (My Secret Santa)*”, de Moraes, Boldrin e Silva (2017); o artigo “Linguagem Natural no Twitter e Linguagem Documentária em Tesouros: da Hashtag #NãoMereçoSerEstuprada ao descritor estupro”, de Sousa e Silva (2015); e o livro “#Vamosfazerumescandalo: folksonomia e ativismo digital” de Romeiro (2020) publicado pelo Selo Nyota.

Em continuidade aos referentes teóricos desta pesquisa, será apresentado a seguir a relação entre a colonialidade de gênero e os mitos da masculinidade, referenciais fundamentais para a análise dos resultados da pesquisa.

3 RELAÇÕES ENTRE COLONIALIDADE DE GÊNERO E OS MITOS DA MASCULINIDADE NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DOS HOMENS

Desde a invasão de Abya Yala, a colonização deixou inúmeros efeitos no imaginário coletivo, na formação do sujeito e nas relações sociais utilizando como estratégia de submissão a colonialidade do ser, saber e poder (QUIJANO, 2010). María Lugones (2020) nomeia a colonialidade de gênero como aquilo que explica a desigualdade de gênero em territórios colonizados. Em convergência a esse pensamento, Gení Longhini (2022), pesquisadora indígena e ativista no movimento contra-colonial, complementa que para atingir o objetivo de colonizar o território, além de utilizar o racismo como método de subordinação, seria necessário um outro mecanismo que daria suporte a invasão territorial: a imposição de um sistema sexo/gênero que tinha como principal objetivo favorecer a acumulação de bens e

riquezas e que, utilizando-se do cristianismo enquanto estratégia cultural-espiritual de salvação, encontrou meios para colonizar lugares, pessoas e culturas.

A relação entre a imposição do sistema sexo/gênero e a colonialidade pode ser exemplificada a partir de estudos que investigaram a formação do DNA de determinados territórios. Bortolini *et al.* (2003) explicam que historicamente a miscigenação nas Américas envolveu, em termos de parentalidade, majoritariamente homens brancos e mulheres de origem indígena e africana. Reichert (2013, p. 37) complementa esse argumento ao afirmar que “os homens indígenas praticamente não deixaram descendentes nas populações miscigenadas”. Fato que está relacionado ao etnocídio indígena que exterminou homens em zonas de guerra e absorveu mulheres para exploração sexual e para escravização do trabalho doméstico (FEDERICI, 2017; LONGHINI, 2022), o que reconhecemos como primeira expressão colonial da violência de gênero.

De forma sintética, compreendemos a violência de gênero como um tipo de violência física, psicológica ou patrimonial praticada contra uma pessoa ou grupo baseada em construções socioculturais historicamente naturalizadas, ou seja, ideologias que tem como principal fonte de ataque o gênero e/ou sexualidade de uma pessoa (ROMEIRO, 2020). Um tipo de violência característico do patriarcado que é um sistema de organização social desigual que produz inúmeros efeitos destrutivos nas relações sociais e institucionais (LERNER, 2019).

JJ Bola (2021) explica o patriarcado como um sistema, uma ideologia organizada hierarquicamente que qualifica no topo, ou seja, em situação de vantagem/privilégio, o homem cisgênero heterossexual (majoritariamente os brancos). Com base nisso, foi historicamente construído através de mitos e outras invenções culturais, um ideal de masculinidade com objetivo de impor o que seria aceito ou não enquanto comportamento do homem. Isso impõe a ideia de que ser homem está atrelada a atributos como virilidade, força, agressividade, poder e controle econômico, a ser heterossexual, entre outros atributos pelos quais se caracterizaria a masculinidade hegemônica. Diante disso, qualquer comportamento que dissida a esse imperativo ou que o questione, é massivamente atacado, como, por exemplo, as críticas a esse modelo levantadas por movimentos feministas e movimento LGBTQIAPN+ (CONNELL, 2016).

Nessa direção, estudar os discursos e os comportamentos dos homens, através do estudo da masculinidade - que significa os modos de ser homem - são essenciais para enfrentarmos efetivamente a violência de gênero. Sergio Gomes da Silva (2006) explica que a

crise da masculinidade está diretamente relacionada ao avanço do feminismo e dos movimentos identitários pró-diversidade de gênero e sexualidade. O autor explica que essa crise emergiu com a maior participação das mulheres no mercado de trabalho, com a visibilidade e pluralidade de identidades de sexualidade não heterossexuais, na maior preocupação com a estética masculina (metrossexuais) e na tentativa de reafirmar a masculinidade hegemônica a fim de manter o privilégio masculino nas relações sociais. Assim, homens cisgêneros e heterossexuais estariam em crise por não alcançarem meios para refletir sua condição masculina ao perderem seu referencial como dominadores, como sujeitos que teriam naturalmente privilégios sociais.

Com o intuito de apresentar uma via analítica para compreensão sobre os comportamentos humanos, recorreremos ao pensamento da teórica da terapia cognitiva comportamental Judith Beck (2014, p. 55), pois ela explica que o modelo cognitivo estabelece que “as emoções, os comportamentos e a fisiologia de uma pessoa são influenciados pelas percepções que ela tem dos eventos”. Nesse sentido, a interpretação de uma situação ocorreria através de pensamentos automáticos que podem resultar em reações de cunho comportamental, emocional ou fisiológica nos indivíduos. Segundo a autora, quando as situações não são elaboradas elas podem se transformar em pensamentos e comportamentos disfuncionais que são compreendidos como inadequados e inúteis, mas que podem ser modificados a partir do interesse em refletir um problema e solucioná-lo. Desse modo, consideramos a invenção e permanência de um conflito de gênero no imaginário social, um conflito que revela, por exemplo, a dificuldade de os homens perceberem-se como parte de um gênero e não uma norma/padrão ou sinônimo de humanidade. O que, relacionado ao modelo cognitivo de Beck (2014) consideramos prejudicial à saúde mental e física posto que as emoções não elaboradas podem estar conectadas ao comportamento violento (comportamento disfuncional), o qual acarreta o sofrimento e perda da qualidade de vida - entre homens e entre outras pessoas que com eles se relacionam (BECK, 2014; CONNEL, 2016).

Entendemos que a repercussão de comportamentos comuns de uma masculinidade hegemônica impacta na cultura, na construção da subjetividade, no modelo cognitivo, na formação do caráter e no imaginário coletivo (BECK, 2014; BOLA, 2021). Por essa razão, é imprescindível estudar os comportamentos que compõem a subjetividade masculina (CONNEL, 2016), uma vez que as ações punitivas como estratégia de enfrentamento a

violência não têm sido suficientes para garantir a não reincidência dos autores da violência após o cumprimento de sua pena, o que torna, por exemplo, a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), isoladamente, pouco eficaz.

JJ Bola (2021) ao reconhecer o fato de que a maioria dos casos de violência de gênero sejam cometidos por homens e com o intuito de desmascarar a masculinidade hegemônica, argumenta que a masculinidade não é uma entidade fixa, e sim reflete construções sociais e orienta as relações entre gêneros. O autor explica que isso ocorreu via formação de crenças rígidas e estereotipadas na idealização do homem e apresenta os dez mitos mais recorrentes sobre a masculinidade, são eles: **(1) o mito do Homem de verdade** que se refere à expectativa socialmente construída sobre como homens devem ser e agir; **(2) o mito de que os homens são puro lixo** e, por isso, eles se mantêm na defensiva ao invés de questionar seu comportamento em relação à violência de gênero; **(3) o mito do cara legal, bonzinho** compreendido como aquele homem que se diz destacar dos outros homens e, por isso, merece ser valorizado e diferenciado dos demais; **(4) o mito do “Seja Homem”** que impera como uma estratégia de silenciamento emocional dos homens; **(5) o mito do “Claramente gay”** direcionado a homens que dividem qualquer tipo de intimidade ou afetividade com outros homens, sejam eles homossexuais ou não; **(6) o mito de que homem não chora:** ao qual explica a cobrança de uma postura forte dos homens diante das situações, a custo do silenciamento emocional; **(7) O mito de que os homens são mais fortes que as mulheres:** que exclui a força como uma característica heterogênea e não unicamente vinculada ao gênero; **(8) o mito de que os homens são mais lógicos e mulheres emocionais:** que também tem o objetivo de distanciar a vulnerabilidade emocional dos homens; **(9) o mito de que os homens têm mais libido,** por isso pensariam mais em sexo do que as mulheres: que expõe o quanto sexo tem a ver com poder e dominação física ou psicológica de outra pessoa; e por fim **(10) o mito de que meninos são assim mesmo:** um mito que determina as vantagens que homens teriam através da construção e manutenção dos estereótipos de gênero disseminados culturalmente.

Salienta-se que consideramos mitos uma invenção cultural, que tal como foram criadas, podem ser recriadas e observadas sob um ou mais pontos de vista. Na próxima sessão serão apresentados os resultados da pesquisa que se trata da categorização das novas masculinidades e do comportamento dos homens em espaços socioinformacionais, como o Twitter.

4 DESMASCARANDO COMPORTAMENTOS DISFUNCIONAIS DA MASCULINIDADE A PARTIR DAS #REDPILL, #MGTOW, #INCEL, #ALPHA, #BETA E #SIGMA NO TWITTER: RESULTADOS

Como resultado, foram recuperadas e armazenadas em uma planilha eletrônica um total de 30 publicações, que foram analisadas posteriormente. Para elucidar algumas categorias, selecionamos quatro postagens mais representativas dos discursos hegemônicos da masculinidade. A categorização das publicações coletadas foi realizada com base nos estudos de Eiras (2019) e Noronha (2023). Destacamos que, por ter sido criado um perfil na plataforma específico para este trabalho e por não terem sido realizadas quaisquer interações com outros interagentes ou postagens, a quantidade de resultados encontrados via este perfil é consideravelmente menor do que seria se a pesquisa tivesse sido realizada por uma conta pessoal com mais interações e mais relacionamentos. Isso ocorre devido a personalização de conteúdos e pelo aprendizado de máquina (*machine learning*), tecnologias características de mídias sociais contemporâneas (ROMEIRO, 2019).

Tendo como fonte os resultados e o referencial teórico apresentado, estabelecemos uma categorização das novas identidades de masculinidades presentes no Twitter (quadro 1). Ressaltamos que as identidades aqui mapeadas e descritas não revelam em totalidade as categorias das masculinidades, haja vista que as categorias, assim como os mitos da masculinidade, podem ser repensadas, revisitadas e adaptadas de acordo com as interações e apropriações discursivas que os homens compartilham.

Quadro 1 - Categorização das novas identidades de masculinidades

CATEGORIA	DEFINIÇÃO
RED PILL	Tem como referência o filme "Matrix" (1999) e determina que homens precisam escolher entre tomar a pílula azul (blue pill) e seguir uma vida de ilusões, e a pílula vermelha (red pill), expandir sua consciência sobre a realidade para se opor a um suposto sistema que favoreceria as mulheres. Pessoas que se identificam essa categoria afirma que o homem deve deixar de ser ingênuo e passar a se aproveitar psicologicamente e sexualmente das mulheres. Estes homens costumam se referir às mulheres como infiéis, interesseiras e manipuladoras.
MGTOW	Entendidos como colaterais na chamada "guerra dos sexos", são um movimento reacionário no qual acredita-se que a solução para os problemas dos homens é abrir mão de relacionamentos (sexuais, afetivos e matrimoniais) com mulheres em nome da causa masculinista, também nomeada "machosfera", pois creem que mulheres são nocivas e atrapalham a jornada dos homens. Para atrair novos adeptos, costumam compartilhar relatos e expor situações de infidelidade vividas por homens e consideram o pagamento de pensão alimentícia aos descendentes ao invés de usufruírem do seu dinheiro em benefício próprio, uma injustiça. Efetivam sua contraposição às mulheres sob a justificativa de que o feminismo objetiva retirar os direitos dos homens, além de apontar as feministas como perigosas, portanto, suas inimigas.
INCEL	Tratam-se de homens que se definem como "celibatários involuntários", pois culpam as mulheres por não conseguirem ter relações sexuais sob a justificativa de que elas escolheriam apenas os homens ricos e correspondentes a um padrão hegemônico de beleza. Este grupo

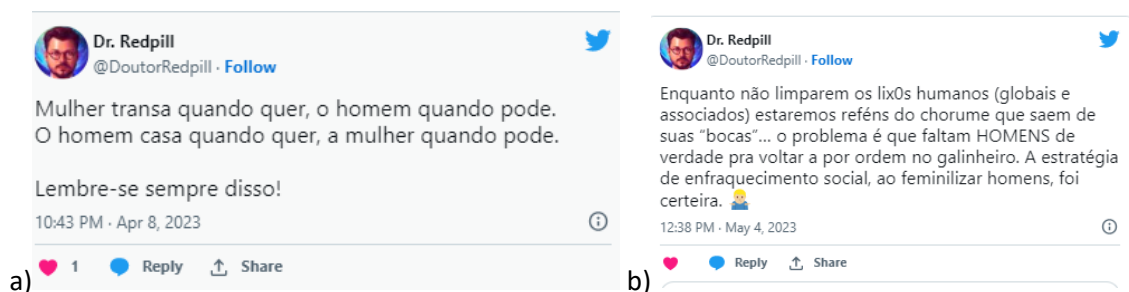
**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

	costuma fomentar discursos de ódio em ambientes socioinformacionais contra pessoas que tem uma vida sexual ativa. Expõem seu ressentimento através de comentários LGBTQIA+fóbicos, racistas e misóginos. Membros dessa comunidade geralmente não têm uma satisfação da carreira e podem ter problemas de renda, o que contribui para o autoisolamento, alimentando assim sua autopercepção como fracassados.
ALPHA	Categoria que parte da premissa de que o homem é naturalmente decidido, agressivo, confiante, corajoso, líder nato e que jamais deve se submeter às mulheres. O homem alpha é costumeiramente associado a virilidade e exaltam sua força em detrimento de quaisquer demonstração de vulnerabilidade emocional.
BETA	Oposto a categoria alpha, os homens categorizados como beta são considerados sensíveis, cooperativos, amáveis e participativos nas atividades domésticas e relações familiares. O homem Beta é percebido pelos Alpha como fraco e inseguro, portanto, “menos homem”.
SIGMA	Categoria que emergiu como uma maneira de ironizar as categorias Alfa e Beta, mas que mescla um pouco das duas na formação de sua subjetividade. O Sujeito Sigma não se importa com as expectativas alheias e prefere agir como um tipo de "lobo solitário" enaltecendo o seu valor social, considerando a si mesmos como tipos raros. Também costumam categorizar mulheres, dividindo-as entre mulheres de "alto valor" como aquelas que correspondem a um padrão de beleza específico e que merecem investimento dos sigmas para relacionamentos, desde que sejam submissas às vontades deles - e as que mereceriam o seu desprezo, como as que não aceitam tal submissão, demonstrando repúdio à mulheres autossuficientes, especialmente as feministas.

Fonte: Elaboração própria baseado em Eiras (2019) e Noronha (2023).

A seguir serão expostos alguns exemplos de categorias presentes em postagens indexadas com os termos que representam os perfis descritos no quadro 1, relacionando com os mitos da masculinidade de JJ Bola (2021) e colonialidade de gênero de Geni Longhini (2022). A partir da análise dos dados coletados, foi percebido que as categorias como *incel*, *redpill* e *MGTOW* foram reunidas em um mesmo discurso, ou seja, ao impulsionar a categoria *red pill*, foram apropriados discursos também proferidos pela categoria *incel* e *MGTOW*.

Figura 1 a,b – Interconexão das categorias RED PILL e INCEL



Fonte: Twitter (2023).

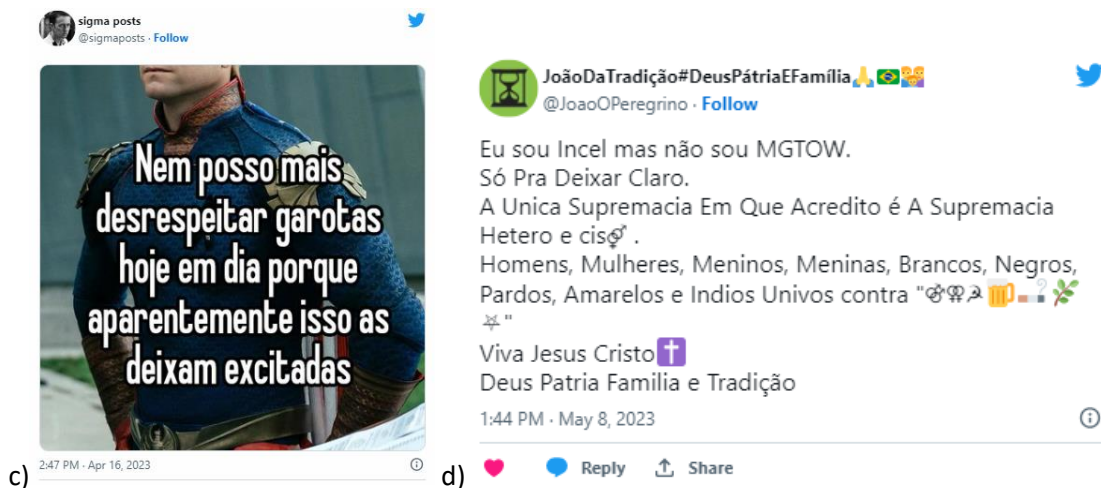
Na figura 1a é possível identificarmos nas frases “mulher transa quando quer, o homem quando pode” e “O homem casa quando quer, a mulher quando pode”, uma apropriação dos discursos de homens que se descrevem como incel (EIRAS, 2019; NORONHA, 2023), uma vez que esta categoria diz que os homens não teriam controle sobre as experiências sexuais, tornando essa decisão exclusivamente das mulheres. Por sua vez, as mulheres são vistas por esses sujeitos, como aquelas que só seriam respeitadas pela via do

casamento, o que consideramos um efeito da colonialidade de gênero tal como explicou Geni Longhini (2022).

Quando analisamos a postagem a partir dos mitos da masculinidade expostos por Bola (2021), percebemos que esta se vincula ao mito 8, o mito de que os homens são mais lógicos e mulheres emocionais pois estes logicamente definiriam o futuro das mulheres ao terem o poder de decisão sobre o matrimônio, enquanto mulheres não teriam esse privilégio.

Na figura 1b, percebemos uma evocação do mito 1 de Bola (2022) sobre o que seria o “homem de verdade”, considerado o produtor da colonialidade (LONGHINI, 2022). Mito que, por sua vez, se interconecta com a categoria de “homem alpha” que seriam aqueles detentores do poder para reestabelecimento de uma ordem, a partir do entendimento de que o mundo está desordenado devido a maior participação de mulheres na organização social. Isso também foi percebido por Silva (2006) quando expôs que a crise da masculinidade emerge à medida que as mulheres e população LGBTQIAPN+ conquistam espaços de poder.

Figura 2 c,d – Categorias SIGMA, INCEL/MGTOW



Fonte: Twitter (2023).

A categoria *sigma* foi percebida na figura 2c, quando a postagem ironiza e minimiza as violências de gênero contra as mulheres a partir de uma suposição de que as mulheres desejam ser desrespeitadas, haja vista que desse desrespeito, emergiria o desejo delas sobre o homem que a ignorou.

Por outro lado, a figura 2d retrata uma confusão discursiva entre as categorias *incel* e *MGTOW* justamente porque enquanto assume uma vinculação a posicionamentos supremacistas, evoca os valores tradicionais do “homem alpha”, considerado “homem de verdade” (BOLA, 2022). Esse, seria aquele homem que valoriza uma religiosidade, entendida

por nós como prática colonizadora. Além disso, este sujeito valoriza uma composição familiar cristã estruturada na cisnormatividade e heteronormatividade e partilha de uma ideologia patriótica por conveniência que não necessariamente é sobre seu próprio país, mas que corresponde a valores normativos condizentes com crenças colonizadoras. Por fim, percebemos uma estreita familiaridade com a tradição que corresponde ao vínculo com a supremacia (racial, de gênero, de sexualidade, geopolítica) (LONGHINI, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao convergir os mitos da masculinidade (BOLA, 2021) com a colonialidade de gênero (LUGONES, 2020; LONGHINI, 2022) e os pensamentos e comportamentos disfuncionais no modelo cognitivo de Beck (2014), percebemos uma estreita relação entre as heranças de violência de gênero do modelo colonial com a construção da subjetividade dos homens. Convergências que corroboram a tese de Geni Longhini (2022) de que não é possível afirmar que a colonização acabou, uma vez que constantemente são percebidos não só seus efeitos como são construídos novos métodos de violência legitimando a reprodução de desigualdades.

Esses novos métodos de violência podem ser exemplificados através de comunidades socioinformacionais em ambientes digitais como a exaltação e categorização de perfis de masculinidades, estabelecidos pelos homens, tais como os aqui apresentados: *red pills*, os *Men Going Their Own Way*⁶ (MGTOW), os *incel (involuntary calibates)*, os *alpha* e *beta*, e os *sigma*.

A análise das postagens desses grupos no Twitter demonstra um vasto campo para os estudos informacionais e estudos de gênero na Ciência da Informação, uma vez que eles revelam novos modos de opressão e manutenção do poder e privilégio dos homens sobre pessoas de outras identidades de gênero em ambientes digitais, pois consideram que nesses ambientes não sofrerão nenhum tipo de penalização sobre seus discursos. Foi possível ainda, verificar que esses discursos são embasados em deturpação da verdade e manipulação da realidade, bem como refletem práticas discursivas colonizadoras vinculadas ao racismo, sexismo, LGBTQIA+fobia e ao supremacismo branco.

⁶ Termo cuja tradução é “Homens seguindo seu próprio caminho”.

AGRADECIMENTOS

As autorias agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão de bolsa de estudos de doutoramento às pessoas autoras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2013, Florianópolis. **Anais**[...] Florianópolis: ENANCIB, 2013.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006.

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOLA, JJ. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

BORTOLINI, M. *et al.* Y-chromosome evidence for differing ancient demographic histories in the Americas. **The American Journal of Human Genetics**, [s.l.], v. 73, n. 3, p. 524-539, 2003.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRANDT, M. B. **Etiquetagem e Folksonomia**: uma análise sob a ótica dos processos de organização e recuperação da informação na web. Brasília: Câmara dos Deputados, 2009.

CONNELL, R. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

EIRAS, N. MGTOWs: eles desprezam tanto as mulheres que decidiram ficar sozinhos... **Universa Uol**. [s.l.], 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/07/29/mgtow-eles-desprezam-tanto-as-mulheres-que-decidiram-ficar-sozinhos>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. In: Congresso Ibero-Americanos em Investigação Qualitativa, 4, 2015, **Anais** [...] Aracaju: Universidade de Tiradentes, 2015.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LONGHINI, Geni Daniela Núñez. **Nhande ayvu é da cor da terra**: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude. 132f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

MOURA, M. A. Folksonomias, redes sociais e a formação para o *tagging literacy*: desafios para a organização da informação em ambientes colaborativos virtuais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 14, n. esp, p. 25-45, 2009.

NORONHA, Heloísa. MGTOW, Red Pill, Incel, Sigma, Alfa: o que significam esses termos?. **Terra (nós)**. [s.l.], 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/mgtow-red-pill-incele-sigma-alfa-o-que-significam-esses-terminos,54f26d36b87e9beb8599f756abe6370748f0erwp.html#:~:text=O%20homem%20Sigma%20%C3%A9%20um,perten%C3%A7a%20a%20nenhuma%20%22alcateia%22>. Acesso em 11 jul. 2023.

MASSONI, L. F. H.; FLORES, A. B. A cidade representada em tags: explorando a folksonomia no Flickr. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 11, n. 3, p. 133-147, dez. 2017.

MORAES, G. H. S. M.; BOLDRIN, J.; SILVA, D. S. Participation in Brazilian feminist movements on social networks: a study on the campaign meu amigo secreto (my Secret Santa). **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 2, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

REICHERT, L. M. M. **Ancestralidade e demografia genética de uma amostra da população humana do rio grande do sul**. 2013. 49f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Pampa, São Gabriel-RS, 2013.

ROMEIRO, N.; SILVA, F. C. G. A folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: avaliação da hashtag mexeucomumamexeucomtodas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 215-232, 2018.

ROMEIRO, N. L. **Vamos fazer um escândalo**: a trajetória da desnaturalização da violência contra a mulher e a folksonomia como ativismo em oposição a violência sexual no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROMEIRO, N. **#VAMOSFAZERUMESCÂNDALO**: folksonomia e ativismo digital. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Abramo, 2004.

SANTANA, S. R.; SANTOS, R. F.; MELO, M. L. D.; GIRARD, C. D. T. Folksonomia no contexto lgbtqi+: descortinando o preconceito e a discriminação da informação gênero-sexualidade nos ambientes digitais. **Logeion: filosofia da informação**, [s./], v. 8, p. 151-173, 2022.

SANTINI, R. M.; TERRA, C.; ALMEIDA, A. R. D. Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio). **Revista P2P e INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 148-164, 2016.

SANTOS, H. P. Etiquetagem e folksonomia: o usuário e sua motivação para organizar e compartilhar informação na Web 2.0. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 91-104, 2013.

SILVA, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: ciência e profissão**, [s./], v. 26, p. 118-131, 2006.

SOUSA, B. P.; SILVA, Flavio Pacheco da. Linguagem natural no Twitter e linguagem documentária em tesouros: da Hashtag #NãoMereçoSerEstuprada ao descritor estupro. **Revista Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 20-43, 2015.

SOUZA, R. F. Organização do conhecimento. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**, Salvador: Edufba, 2007.

TWITTER. **@Joãooperegrino**. 2023.

WITTIG, Monique. **O pensamento hetero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

YEDID, N. Introducción a las Folksonomías: definición, características y diferencias con los modelos tradicionales de indización. **Información, cultura y sociedad**, [s. /], v. 1, n. 29, p.13-26, 2013.